

UNIFESP - Universidade Federal de São Paulo
Curso de Ciências Sociais - Campus Guarulhos

Pesquisa de Iniciação Científica

Relatório Final

São Paulo/Guarulhos
Trajeto e fluxos na construção de uma metrópole vivida e simbólica

Aluna: Carolina Alves de Brito Lopes Oliveira
Professora orientadora: Andréa Claudia Miguel Marques Barbosa

Local de trabalho: Curso de Ciências Sociais
Grupo de pesquisa urbana e visual

São Paulo/Guarulhos
Junho/2008

INTRODUÇÃO

Contextualização da literatura pertinente

A bibliografia clássica

Georg Simmel, em “A metrópole e a vida mental” (1967), apresenta a metrópole, meu ambiente de pesquisa, como um espaço característico da sociedade moderna que exige de seus habitantes determinadas posturas, as quais ele opõe às que são tidas como típicas das cidades pequenas.

Através dessa diferenciação (cidade pequena/metrópole) o autor descreve o tipo específico que surge nos centros urbanos como um homem que possui a necessidade de afirmar a sua autonomia e individualidade frente a uma lógica capitalista, a uma lógica de mercado que supera o intercâmbio entre pessoas reais e traz a experiência do anonimato.

Essa metrópole é incontrolável e assustadora na sua diversidade. E como consequência disso, a relação do indivíduo com esta realidade que o supera, encontra no fortalecimento do seu intelecto, um modo de defesa.

Simmel nos suscita a imaginar como seria um grande centro urbano sem as inúmeras regras que o fazem operar de maneira extremamente complexa. Percebemos com isso que os elementos organizadores assumem uma importância muito grande nessa sociedade que incorpora o ritmo acelerado do capitalismo. Um exemplo citado por ele é o calendário impessoal que dita e torna possível que hajam encontros, cujo surgimento é entendido a partir do trecho : “(...) esta necessidade é criada pela agregação de tantas pessoas com interesses tão diferenciados, que devem integrar suas relações e atividades em um organismo altamente complexo.” (Simmel, 1967:17)

O autor insiste na forte ligação entre a criação desses elementos e o aumento da racionalidade, estando este aumento em oposição ao lado emocional do ser humano, que não encontra lugar nas relações profissionais, cada vez mais especializadas.

Essa indiferença (ao emocional) trazida pela influência monetária se torna parte do indivíduo da cidade grande. Ele adquire um aspecto particular: a reserva,

ela aparece da mesma maneira que a valorização da inteligência, como uma resposta, um movimento de auto-preservação.

Na reserva o campo afetivo seria de alguma maneira reduzido, para que não se sinta a indiferença com que são construídas as relações cotidianas nas metrópoles. Sendo assim ela é, segundo Simmel, a expressão da diferenciação em relação ao outro. Podendo ser entendida como o estranhamento encontrado na primeira fase das formações sociais, nos pequenos grupos, que após sofrer um crescimento vão conferindo aos indivíduos maior liberdade para a formação da individualidade de seus membros, o que pode ser observado na comparação entre metrópole e cidade pequena.

E a metrópole, como esses pequenos grupos, tende sempre a crescer. O reconhecimento disso é claro através dos fenômenos migratórios, das novas relações estabelecidas com outras regiões, entre outras dinâmicas que alteram a vida dentro da cidade.

Dessa maneira a particularidade que todo ser humano possui encontraria sua expressão com o crescimento da diferença entre as pessoas que esse centro urbano, que não vê fins para a expansão, proporciona. Porém, é a mencionada rapidez, que acabaria por ultrapassar a personalidade conquistada.

Nas palavras de Simmel: “O indivíduo se tornou um mero elo em uma enorme organização de coisas e poderes que arrancam de suas mãos todo o progresso, espiritualidade e valores, para transformá-los de sua forma subjetiva na forma de uma vida puramente objetiva” (Simmel,1967:26).

Autores como José Guilherme C. Magnani e Gilberto Velho valem-se das idéias de Simmel e de outros pensadores que iniciaram um estudo voltado para o fenômeno urbano, para abordar antropologicamente a vida que se faz presente atualmente nos centros urbanos.

Os dois antropólogos brasileiros em textos como “Quando o Campo é a Cidade” (Magnani,1996) e “Observando o Familiar” (Velho,1981), tratam da história da constituição dessa área da antropologia chamando a atenção para as modificações que esta sofreu ao longo do tempo.

Em “Na Metrópole” (1996), Magnani mostra que foram essas diversas mudanças pelas quais a antropologia passou, como a desvalorização do conceito de civilização, tão explorado na fase evolucionista, que a capacitaram a enxergar a alteridade, que sempre foi seu objeto de estudo, sem que esta esteja em uma comunidade distante.

A metrópole surge, assim, como um contexto rico para a disciplina, proporcionando “novos desafios e problemas” (Magnani, 1996:21). Magnani aponta para a possibilidade de se estudar grupos que se formam nela, na tentativa de compreender o significado existente nos aspectos compartilhados por eles e estranhos a nós. Sendo possível, portanto, que o objeto de estudo de um etnólogo pertença à mesma sociedade que este.

São Paulo esbanja diversidade, e se enquadra, não só por isso, na categoria de metrópole, ela também apresenta outras características típicas como os grandes problemas compartilhados por diversos centros urbanos, por exemplo os problemas de locomoção devido as grandes distâncias e o trânsito decorrente da grande quantidade de veículos.

O que Magnani põe em questão é como as pessoas convivem com essas mazelas. Como seus comportamentos são entendidos como alternativas de sociabilidade que apresentam padrões e que constituem esses novos problemas a serem explorados pela antropologia. Uma visão diferente da qual em que “a dinâmica da cidade é creditada de forma direta e imediata ao sistema capitalista;(…), alterações institucionais não passam de adaptações às fases do capitalismo que é erigido, na qualidade de variável independente, como a dimensão explicativa última e total.” (Magnani, 2002)

Um desses novos problemas citados, que é bem explorado em outro texto de Magnani intitulado “De perto e de dentro” (2002), é o recorte a ser feito do que será estudado na cidade e como se estabelecer esse recorte. Já que, como foi dito, voltar-se para os atores sociais implica não ficar preso em constatações sobre a cidade como um todo.

Também em Velho encontramos que os indivíduos, em suas biografias, interpretam, mudam e criam símbolos e significados, evidentemente vinculados a

uma herança, a um sistema de crenças. Desempenhando o papel de agentes na transformação e mudança da cultura e da sociedade e não sendo meros joguetes de forças impessoais. (1980:22) Essas considerações do autor ajudariam então na realização de um estudo antropológico na cidade.

Partindo da oposição entre o conceito de cultura e o de civilização, já antigos protagonistas de discussões antropológicas, Gilberto Velho aborda as muitas vertentes em que a idéia de cultura se divide.

Perguntas relativas à possibilidade de existência de uma cultura nacional, ou algo que possamos chamar de uma cultura regional - como uma cultura particular de um bairro, por exemplo - estão relacionadas a uma reflexão sobre o estudo na metrópole que, por sua vez, oferece a possibilidade de se experimentar uma variedade de costumes, hábitos e crenças surpreendente.

Voltado para as pessoas reais (um “olhar de perto” como denomina Magnani), acompanhando seus “caminhos” em trajetos como rodovias e grandes avenidas por exemplo, feitos no dia-a-dia, e considerando as formas de sociabilidade que podem ser realizadas nesses percursos cotidianos, o olhar do antropólogo deve se perguntar até que ponto os habitantes de uma mesma sociedade se reconhecem como pertencentes a uma mesma cultura.

A alteridade existente dentro dos centros urbanos, dessa maneira, instiga o estudo antropológico a tentar descobrir as diversas regras, os diversos padrões que poderiam dar fronteiras simbólicas a essa realidade cultural.

Como Simmel apontou, o olhar classifica através de uma hierarquia. Para Simmel, toda organização interior de uma vida comunicativa repousa sobre uma hierarquia extremamente variada de simpatias, indiferenças e aversões de natureza tanto a mais breve quanto a mais permanente (1967: 20).

No texto “Observando o familiar” (1981), Gilberto Velho atenta para o cuidado que se deve tomar para não se cair em estereótipos e rótulos prontos. Torna-se necessário o movimento de transformar o “exótico em familiar e o familiar em exótico”, já que, como afirma, o que é familiar não é necessariamente conhecido, e o que é exótico pode ser conhecido.

Guarulhos – nosso foco

O livro desenvolvido por Carlos José Ferreira dos Santos, intitulado: “Identidade Urbana e Globalização: a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP”, já em seu título sugere uma forte relação com a pesquisa em questão, o que se provou verdadeiro através de sua leitura e também da palestra dada pelo autor na UNIFESP- Campus Guarulhos, em novembro de 2006.

Na obra citada, a história do município chega a nós considerando a diversidade cultural que o território abarca, de maneira contrária a dada pelo poder público local. Esse ponto é bastante explorado pelo autor, como observamos claramente no trecho:

“Assim, partimos da concepção de que existe uma tendência na construção de uma identidade de Guarulhos que vem orientando a atuação político-administrativa no transcorrer da história do município e que o concebe como “um apêndice e prolongamento” de São Paulo determinado por sua localização geográfica. No entanto, parece-nos que essa noção tão divulgada merece alguns questionamentos. Podemos considerar adequado e satisfatório o conceito de que Guarulhos possui um único caráter e que este é determinado por sua função de “periferia” e/ou “prolongamento” da metrópole? Se é assim, não teria imperceptivelmente se integrado a ela nos últimos anos? Ou, ainda, constitui de fato uma “cidade” com identidade própria?” (Santos,2007:32).

A partir de questões como estas, o autor busca respostas baseadas principalmente em um resgate histórico que utiliza como fonte além da historiografia local mais tradicional, “as memórias de seus habitantes, o patrimônio arquitetural, as intervenções urbanísticas e os usos que constituem costumes e tradições” (Santos, 2007:38).

É neste sentido que o livro se revelou uma importante fonte para esta pesquisa que procura um maior conhecimento sobre a região através de um estudo

antropológico sobre a relação de identidade e alteridade entre Guarulhos e São Paulo.

CONTEXTUALIZAÇÃO DOS OBJETIVOS PROPOSTOS

O objetivo principal deste projeto foi pesquisar a sociabilidade construída nas linhas de ônibus intermunicipais entre Guarulhos e São Paulo, pois vimos que nesses trajetos e na sociabilidade propiciada por eles um lugar privilegiado para construção de significado entre as duas cidades. O que essas pessoas carregam de uma cidade para outra? Que cidades simbólicas elas constroem? Em busca de responder a tais indagações, de acordo com o plano de trabalho proposto, realizei um trabalho de campo no percurso entre Guarulhos e São Paulo, em dias da semana escolhidos aleatoriamente e sempre no mesmo horário. A linha escolhida foi a denominada Vila Any, que sai de São Paulo no Terminal Rodoviário Armênia. Ao mesmo tempo, foi realizado um estudo bibliográfico, que buscou, além de um aprofundamento do tema da antropologia urbana, informações sobre o município de Guarulhos, atentando especialmente para o Bairro dos Pimentas (bairro do município de Guarulhos), região onde se situa o ponto final do ônibus de tal linha (Vide mapa, Anexo na página 35).

Para tanto a participação no grupo de pesquisa urbana e visual (VISURB) coordenado pela professora Andréa Barbosa, foi de grande importância, como reforço do aprendizado teórico e metodológico de fazer pesquisa em antropologia urbana.

Também foram previstos um ensaio fotográfico a ser realizado no ônibus e uma constante documentação daquilo que foi observado em campo.

COLOCAÇÃO DA QUESTÃO ESTUDADA (OBJETIVOS INICIAIS)

Consideramos estes meios de transporte como espaços de sociabilidade justamente porque na prática cotidiana os indivíduos passam, em média, de duas a três horas nesses transportes. Esse tempo prolongado e uma certa regularidade na população que frequenta os mesmos transportes no mesmo horário acabam por oferecer ao indivíduo uma oportunidade de construir relações.

O objetivo desta pesquisa foi investigar como esses indivíduos, os freqüentadores do ônibus, nas possíveis conversas que estes estabelecem durante o percurso, constroem simbolicamente as duas cidades que se ligam por essa linha intermunicipal e também pelas vidas dessas pessoas.

ATIVIDADES DESENVOLVIDAS

-Trabalho de campo

Realizei regularmente a viagem do trajeto do ônibus Metro Armênia -Vila Any. Nesta atividade empreendi o estudo etnográfico deste percurso a partir da observação participante. No ônibus, no qual percorro a Marginal Tietê, todo o trajeto da Dutra até uma entrada para o bairro Pimentas, e um pequeno percurso no mesmo bairro - até descer no ponto que é o mais próximo à universidade. Nesta atividade realizei um trabalho de observação participante. Entendemos observação participante não só o convívio com as pessoas que freqüentam esse espaço, mas também o estabelecimento de uma efetiva interlocução com essas pessoas.

-Ensaio Fotográfico

Realizei dois ensaios fotográficos, ao invés de um como era previsto. No primeiro explorei a vista que os passageiros têm de dentro do ônibus, considerando a mudança na paisagem e pontos que alguns deles, principalmente o cobrador, já haviam citado como referenciais em conversas comigo, além de pontos que me chamavam a atenção como conhecedora desse “caminho”. A questão que foi colocada era se a mudança na paisagem é significativa na construção das fronteiras entre as duas cidades estudadas.

No segundo ensaio, eu me volvei para o interior do ônibus, ou seja, para as pessoas.

Esse ensaio buscou dialogar com uma reflexão que vinha se desenvolvendo na pesquisa a respeito da autenticidade ou não daquilo que estava sendo registrado.

Tive de lidar com um preconceito meu em relação às anotações, pois as considerava como “ilegítimas” em um primeiro momento. A respeito disso procurei assumir que fatalmente a minha subjetividade deveria ser, permanentemente não só levada em consideração, mas incorporada ao processo de conhecimento desencadeado. Ou seja, deveria tentar não escamotear sua “interferência” mas aprender a lidar com ela. Assim permaneci comprometida com a obtenção de um conhecimento mais objetivo. Sem que isso significasse uma estéril tentativa de anulação ou neutralização de meus sentimentos, emoções e crenças. (Velho,1986:17-18).

Antes no papel, posteriormente na máquina procurei não buscar uma imagem idealizada de representação de naturalidade nas pessoas mas sim considerar como elas escolheram se mostrar, “o que mais me instiga é a relação entre o que se escolhe mostrar e ocultar”. (Barbosa, 2002:07) O que se revelou para mim dentro de um processo de aprendizagem.

-Caderno de Campo

Desenvolvi um caderno de campo, contendo os fatos mais importantes, feito dia-a-dia principalmente após o momento de observação. Estas anotações não foram meros registros, mas oportunidade de reflexão sobre o que estava sendo observado. Neste espaço também era possível me colocar como participante do contexto, expondo minhas opiniões e sensações.

-Cursos de Antropologia

Freqüentei as aulas, que fazem parte do curso de Ciências Sociais, nas quais tive contato com trabalhos desenvolvidos por Franz Boas, Malinowski, Ruth Benedict, Radcliffe-Brown, Evans-Pritchard, assim como, e primeiramente, com os desenvolvidos por autores clássicos, através destes conheci conceitos que são retomados e criticados tanto pelos antropólogos acima citados como pelos que fizeram parte da pesquisa teórica envolvida no presente trabalho.

Trouxeram contribuições para a metodologia desenvolvida nesse estudo antropológico as obras principalmente de Franz Boas, que na própria história da antropologia tem um lugar de destaque, e também de Malinowski que introduziu o trabalho de campo como forte instrumento da pesquisa antropológica.

De maneira geral foi essencial para um melhor entendimento da bibliografia estudada para essa pesquisa conhecer a teoria desses autores.

Os cursos freqüentados ao todo foram:

Primeiro termo:

Introdução às Ciências Sociais: Antropologia

Introdução às Ciências Sociais: Política

Introdução às Ciências Sociais: Sociologia

Leitura e Interpretação de Textos Clássicos I

Línguas: Francês I

Línguas: Inglês I

Segundo termo:

Filosofia Geral II

Antropologia I

Política I

Sociologia I

Línguas: Francês II

Línguas: Inglês II

Terceiro termo:

Pesquisa I: Epistemologia das Ciências Sociais

Antropologia II: Da Escola Sociológica Francesa Ao Estruturalismo

Ciência Política II: Teoria Política Contemporânea

Sociologia II

Domínio Conexo: História Contemporânea

Sendo que no terceiro termo, em andamento, estou tendo a oportunidade de entrar em contato, nas aulas de Epistemologia, com importantes obras que tratam do debate a respeito do que qualifica uma produção como científica. Essa temática

vem sendo trabalhada nesse curso em diferentes áreas, uma delas é a antropologia.

O domínio conexo: História Contemporânea, que também está em andamento, foi escolhido para esse período, entre outras opções, pela oportunidade de se estudar, através de uma leitura própria da disciplina de história, temas muito trabalhados também nas ciências sociais. Está sendo estudado nessa disciplina o surgimento de novos conceitos característicos do mundo contemporâneo. O entendimento destes ajuda na compreensão de elementos muito importantes da produção antropológica.

Acredito que a experiência de cursar essas e outras disciplinas também colaborou no meu desenvolvimento nesta pesquisa.

-Reuniões do VISURB

Freqüentei o grupo de iniciação a pesquisa etnográfica urbana e visual, criado pela professora Andréa Barbosa, que periodicamente se reuniu para discutir as propostas de trabalho individuais e realizar discussões de textos e filmes bem como exercícios etnográficos na cidade de Guarulhos e São Paulo.

-Caminhadas etnográficas

Realizei um passeio etnográfico no bairro Pimentas, o que era, como se vê no item anterior, uma das propostas do grupo de estudos (fotos referentes ao passeio anexadas na página 36). Realizei também um passeio etnográfico na COHAB de Artur Alvim, um bairro da Zona Leste paulistana, local onde mora um dos meus colegas do VISURB.

-Palestra:

"Identidade Urbana e Globalização – a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP", apresentada pelo Prof. Carlos José Ferreira dos Santos, no campus Guarulhos da UNIFESP.

-Levantamento bibliográfico

Pesquisei em bibliotecas da cidade de São Paulo (Biblioteca da FFLCH, Biblioteca da PUC e Biblioteca Sérgio Milliet) a bibliografia pertinente a esta pesquisa.

-26a. Reunião Brasileira de Antropologia

Participação com apresentação do Painel *Filme “Santiago” e a Pesquisa Etnográfica* no GT 11, intitulado: *Imagens e Sociedades: balanço crítico das possibilidades analítico-interpretativas na antropologia visual..* No qual faço uma pequena reflexão sobre a questão metodológica trabalhada nesta pesquisa. (Conteúdo textual do painel anexo na página 38)

-Participação no XVI Congresso de Iniciação Científica da UNIFESP

-Participação no Seminário Graduação em Campo

MATERIAIS E EQUIPAMENTOS UTILIZADOS NA PESQUISA:

-Cadernos para anotações (caderno de campo).

-Máquina fotográfica.

-Bibliografia indicada e também adquirida através de uma pesquisa em algumas bibliotecas.

- Filmografia indicada pela orientadora.

MÉTODO

Como previsto foi utilizada como metodologia básica a etnografia baseada na observação participante. Ela se desenvolveu com uma crescente participação minha dentro do ônibus. O diálogo com os passageiros rendeu um material de observação descritivo - caderno de campo - para ajudar na reflexão em torno da questão proposta. O caderno de campo possibilitou a “volta” ao momento em que foram feitas as anotações. “Quando já se está “aqui”, o caderno de campo fornece

o contexto de “lá”; por outro lado transporta de certa forma para “lá”, para o momento da *experience-near*, a bagagem adquirida e acumulada nos anos gastos “aqui”, isto é, na academia, entre os pares, no debate teórico.” (Magnani,1997:11) Essa metodologia, ao meu entender, foi também parte de um movimento importante de aproximação com os freqüentadores do ônibus que envolvia claramente uma curiosidade mais aguçada tanto pela literatura quanto pelas reuniões do VISURB.

Pesquisa bibliográfica que seguiu pelo aprofundamento do tema da antropologia urbana, com enfoque em autores como José G. Cantor Magnani e Gilberto Velho. Buscou também informações sobre o município de Guarulhos, sempre atentando para o Bairro dos Pimentas (região onde se situa o ponto final do ônibus). E passou por trabalhos como o do autor Erving Goffman e o documentário “Santiago” de João Moreira Salles, que se mostraram interessantes fontes para a reflexão sobre a metodologia do trabalho de campo.

O primeiro ensaio fotográfico realizado no ônibus buscou registrar as mudanças na paisagem que podem ser observadas pelos freqüentadores. Já o segundo buscou registrar esses freqüentadores, como eles escolhem se mostrar para a câmera.

RESULTADOS

Movimento pequeno. Apenas alguns passageiros sentados no banco que fica em frente ao ponto final. Deste podem-se observar trabalhadores dali como fiscais, faxineiras e também os motoristas e cobradores. Normalmente o ponto de ônibus está tranqüilo e esperando ali encontro muitas vezes os passageiros já conhecidos por mim.

Quando o ônibus chega forma-se uma fila, motorista e cobrador descem e quando voltam dão o sinal avisando que os passageiros podem entrar. Alguns destes, como eu, têm maior familiaridade com essas pessoas, esses trabalhadores que estão sempre lá. Após meses freqüentando a linha no mesmo horário recebo

de alguns deles comentários, olhares cúmplices e até questionamentos sobre as minhas faltas como em um dia recente sobre o fato de eu não estar usando um cartão que sempre uso, comentei que acho muito complicado recarregar esse cartão, ele riu pelo que eu me lembro. Eu me surpreendi com a simpatia do cobrador, mais ainda do que com a pergunta sobre a minha falta do motorista. Geralmente ele não puxa papo com ninguém.

As pessoas, como freqüentadores, que possuem uma vida ligada de alguma forma a esse percurso, podem ser considerados atores sociais como Magnani defende no trecho: “Sem ignorar a contribuição da ação engajada e organizada, no entanto, há uma gama de práticas que não são visíveis na chave de leitura da política (ao menos de uma certa visão de política): é justamente essa dimensão que a etnografia ajuda a resgatar. A incorporação desses atores e de suas práticas permitiria introduzir outros pontos de vista sobre a dinâmica da cidade, para além do olhar "competente" que decide o que é certo e o que é errado e para além da perspectiva e interesse do poder, que decide o que é conveniente e lucrativo.” (Magnani, 2002:11-29)

Os diálogos com os passageiros envolveram desde assuntos pessoais até assuntos que são comuns a todos que utilizam o transporte. Sempre com a minha preocupação de estar aberta a possíveis conversas e sem de alguma forma manipulá-las, ou seja, considerando o que as pessoas escolhem para falar.

Esses relatos foram momentos importantes para a pesquisa, como as conversas com o cobrador do ônibus. O início dessas conversas foi bastante *suigeneris* e partiu do comentário sobre um incidente comum (depois vim a saber) no ônibus: um vômito de criança no corredor.

Anastácio, como ele se chama, seguiu o resto da viagem conversando comigo. Em seu trabalho ele faz quatro vezes por dia o percurso de São Paulo a Guarulhos.

Ele se mostrou sempre simpático e me ajudou a entender melhor sobre o ambiente do ônibus.

Me falou sobre a sua rotina cansativa e sobre a dos passageiros.

A realização de um ensaio fotográfico com fotos da paisagem vista de dentro do ônibus desde a sua saída em São Paulo que fiz durante a pesquisa também propiciou uma intensificação da interação com Anastácio. Interação que explicitou uma tentativa de reflexão sobre de que maneira as pessoas que fazem esse percurso todos os dias, conhecem a Dutra.

Algumas fotos que compõem o ensaio:



(Marginal Tietê – foto tirada na saída do ônibus de São Paulo)



(Um dos pontos de parada de ônibus intermunicipais no trajeto da linha Vila Any)



(Construção abandonada)



(Shopping Internacional)



(vista da janela esquerda do ônibus, foto tirada na Via Dutra)



(foto a partir da janela direita do ônibus, com penitenciária ao fundo)

Anastácio fez várias sugestões e intervenções durante a realização do trabalho: falou para que eu tirasse fotos dos shoppings (Shopping D, Internacional e Bonsucesso) e da Garagem (local onde os ônibus, como este, ficam estacionados).

E foi a partir da interação entre as suas indicações e as minhas próprias inclinações como, por exemplo, fotografar uma construção abandonada que me instiga há muito tempo nesse trajeto, que construí o ensaio.

A vista segue por um muro, bem rente à rodovia, branco, com o logotipo provavelmente da empresa que se situa ali, quando paredes como essa terminam, a janela do ônibus pode nos fornecer outras paisagens: horizonte distante delineado por milhares de casas, obras que seriam para um futuro campo de futebol de um time famoso (o que escutei no ônibus algumas vezes), penitenciárias (três ao todo), viadutos, mato, postos, passarelas, pontos de ônibus vazios ou cheios de gente. Pontos que algumas vezes são praticamente como ilhas, de difícil acesso. Em alguns vemos trilhas, marcas na terra de alternativas criadas pelos freqüentadores desses espaços.

Ao mostrar o resultado desse ensaio para alguns passageiros ficou claro para mim que existem elementos que possuem maior destaque no trajeto mas também que este não é conhecido da mesma maneira por todos.

Percebi que esses elementos (como o Shopping Internacional), comuns nas falas de algumas pessoas, servem também como referências, justamente por serem facilmente reconhecidos por todos.

Anastácio não reconheceu o local de algumas das fotos tiradas, mesmo tendo ele uma rotina nesse trajeto.

Ao mesmo tempo em suas conversas aparecem elementos desse percurso, só que ligados principalmente a momentos de lazer com familiares como passeios no aeroporto em dias livres.

Uma passageira reconheceu uma churrascaria que eu não sabia que existia na Dutra.

Outro passageiro me mostrou da Dutra sua igreja, que fica no Bairro dos Pimentas. Ela está bem distante mas, por ser uma construção grande, pode ser avistada do ônibus. Esse mesmo senhor, que tanto colaborou para a pesquisa, quando viu o resultado do ensaio fotográfico, enxergou o centro de São Paulo na foto que mostra os prédios do centro de Guarulhos vistos da Dutra. Um de seus olhos não enxerga mais e o outro não está com o grau dos óculos correspondente, por isso a confusão. Mas ele não enxergou um borrão e sim uma imagem conhecida por ele, que faz parte do seu dia-a-dia.

E eu fiquei sabendo sobre o seu problema na vista quando ele me contava justamente, assim como os outros passageiros citados, sobre aspectos da sua vida. “De um discurso bem colado ao esteriótipo – a cidade distante, impessoal e movida pela velocidade e pelo trabalho – chegávamos à cidade recheada da afetividade de cada um.” (Barbosa,2002:14 -15) Onde as fronteiras ultrapassam as encontradas nos mapas.

Volta ao campo:

A primeira etapa do trabalho de campo descrita anteriormente ocorreu entre o final do mês de setembro e o mês de novembro. Depois de uma breve interrupção iniciei a segunda etapa em março deste ano. Para minha surpresa no retorno houve uma mudança, o ônibus com o cobrador e o motorista de sempre mudou de horário.

A pesquisa então entrou em outra fase, não só pela mudança dos interlocutores mas sobretudo porque agora eu estava indo a campo com novas reflexões feitas e também com novas questões.

Essa situação no começo desanimadora logo se apresentou como um acréscimo à pesquisa como a realização de um segundo ensaio fotográfico, agora voltado para os passageiros, as pessoas, que sempre foram o foco deste trabalho.

O principal colaborador até então, o cobrador, teve de mudar, e acabei elegendo para esse lugar um senhor que é notadamente muito pontual e gosta bastante de conversar.

Seu Nenê, como ele é chamado, já aparece em meus relatos desde a fase inicial da pesquisa e quando esta estava na metade ele já é chamado por mim de o “senhor de sempre” (em referencia a sua freqüência que se destacou em relação ao que eu vinha sendo observado).

Logo que entrei reparei que o “senhor de sempre” estava lá, sentei perto dele. Cumprimentamos-nos, ele comentou sobre algo e eu puxei mais assunto, algo sobre o tempo, sobre o calor que fazia à tarde em comparação com o da noite. Ele falou que não vinha para São Paulo à noite, prefere sair com os amigos

lá onde mora. Depois perguntei se ele estava voltando do trabalho, ele me chamou para sentar ao seu lado, sentei e continuamos a conversar. Ele mora na Vila Any desde 1962. Logo falou que é um imitador e pedi para que imitasse algo, ele imitou o som do ônibus e também de alguns animais. Ele trabalha como ascensorista em um banco no centro de São Paulo.

Seu Nenê revelou-se para a pesquisa um personagem de interessante história: morador antigo do Bairro dos Pimentas e experiente de uma rotina que começa e termina geralmente na Rodovia Dutra, ou melhor, nesse ônibus que percorre a via.

Posteriormente, no reencontro com Seu Nenê, na volta a campo, procurei me aprofundar na relação que se estabeleceu ali, refletindo a respeito desse senhor a partir também de uma comparação feita pelo sociólogo Erving Goffman entre a vida cotidiana e a representação nos palcos de teatro: “Em lugar de meramente realizar sua tarefa e dar vazão a seus sentimentos, expressará a realização de sua tarefa e transmitirá de modo aceitável seus sentimentos.” (Goffman,1975:66)

Também explorei essa analogia na realização de um novo ensaio fotográfico. Este foi entendido como uma maneira de enxergar ali a forma como esses passageiros que aceitaram participar do ensaio se apresentavam para a câmera.

Algumas fotos do ensaio:









Quando vou tirar fotos das pessoas pergunto se elas aceitam ser fotografadas, a maioria para a minha surpresa concorda, eles posam apara mim: alguns sorriem, alguns se mostram com um dos braços estendidos segurando no banco da frente. Tive a impressão de que estes realçavam o papel de passageiro segurando firmemente no ônibus, ligados fisicamente ao transporte que os leva para seus destinos.

Uma mulher muito humilde, que se assemelhava a uma moradora de rua, e que eu tinha visto subir junto com outra mulher pela parte de trás do ônibus, gostou muito da idéia da foto e me perguntou quanto custava. Na primeira foto que tiro dela, ela aparece de olhos fechados e com os braços estendidos ao longo do corpo, eu tive a sensação de que ela estava como que se “entregando” para a foto, para que eu a fotografasse.

Tanto a minha preparação para realizar esse ensaio, o momento em que eu o realizei de fato e os resultados dele, foram momentos considerados como importantes para a pesquisa.

Primeiramente foi colocada a questão de como fazer esse registro. Observei ao longo do tempo a maneira como muitos comerciantes no ônibus pedem a atenção de seu público para venderem seus produtos. No dia em que tirei as fotos, a minha presença foi notada por todos, e pude levar um novo elemento a esse espaço, que difere do que normalmente acontece nele. Ao mesmo tempo, lembrando desses comerciantes, tive que respeitar um padrão: dirigi-me primeiramente ao motorista para saber se poderia tirar as fotos, reconhecendo o papel que este desempenha ali.

Os resultados do ensaio proporcionaram reflexões a respeito do lugar que os passageiros podem ocupar no ônibus, desempenhando diferentes papéis, como o de platéia e principalmente o de protagonistas.

DISCUSSÕES E RESULTADOS

A rotina dos passageiros no ônibus pode ser tida, através de uma visão facilmente encontrada, como uma rotina desgastante. O tempo gasto no ônibus é tempo perdido dentro da lógica capitalista, se comparado esse tempo com o tempo produtivo de trabalho.

Da mesma maneira que o lazer, tema que José G. Cantor Magnani aborda em seu livro: “Na Metrópole” (1996), se resumiria a: tempo necessário para repor as energias, quando relacionado ao trabalho. Magnani fala sobre a realização de uma pesquisa que não ignore essa “visão mais tradicional”, como ele denomina, mas que aborde de maneira diferenciada o lazer, partindo das “condições reais e concretas de seu exercício, no espaço do bairro.” (Magnani, 1996:31).

A nossa pesquisa também procurou realizar uma abordagem diferenciada sobre o tema em questão, nela os depoimentos dados pelas pessoas que pegam o ônibus são de grande importância.

O tempo gasto entre São Paulo e a Vila Any, que significaria tempo perdido, foi abordado sobre outro aspecto. Buscamos enxergar como as pessoas que frequentam esse ônibus passam esse tempo que geralmente vai de uma a duas horas. Esse tempo é tempo desperdiçado para elas?

Apesar de na fala dessas pessoas muitas vezes termos encontrado essa visão que remete a um desperdício de tempo, não foi isso que se observou através de uma etnografia, baseada na observação participante.

Pude perceber que as pessoas utilizam aquele tempo que seria “perdido” de maneiras diferentes, elas o preenchem por exemplo ou dormindo ou lendo ou conversando entre si e observei que é possível haver uma aproximação entre os passageiros.

Diversas vezes fui surpreendida por alguém que iniciava uma conversa comigo, ou também, quando falando comigo algumas pessoas falavam sobre mim, como eu descrevo nesse dia em meu caderno de campo:

“Ele falou que sou quietinha, “toda certinha”, eu fiquei surpresa com o comentário, ele disse que também é um pouco assim o que me surpreendeu mais ainda porque não achei ele nada quieto, às vezes, quando surgia o silêncio, ele já vinha com novas perguntas, novos assuntos.” (30/10/07)

Outras vezes observei apenas cumprimentos ou uma relação amistosa entre cobrador e alguns passageiros frequentes, o mesmo em relação a motoristas e entre os mesmos (quando por exemplo um motorista voltava para casa no ônibus dirigido por um conhecido).

Também percebi a ajuda que cobradores, motoristas ou os outros passageiros em determinadas situações deram a pessoas que não “conheciam” a Dutra.

E fui me aproximando de algumas pessoas, como Anastácio, que foi durante grande parte do período da pesquisa o cobrador do ônibus escolhido. É comum encontrar trechos no caderno de campo em que ele me pergunta sobre o porquê de alguma falta e em seguida a minha tentativa de entender o que significa a minha ou a presença de outra pessoa nesse ambiente específico: “(...) perguntei se ele sabia que havia mais três alunos da universidade no ônibus, apontei para eles, ele disse que só reconhecia um” (Caderno de Campo - dia 31/10/07).

O ônibus é um espaço constantemente invadido pelo estranho, como uma pessoa perdida por exemplo, mas, ao mesmo tempo, neste espaço específico, pessoas como eu, que não frequentavam e passam a fazê-lo podem ser reconhecidas através de uma regularidade ali.

A pesquisa evidenciou que é possível pensarmos em uma totalidade no ônibus, mesmo sendo este um transporte público e portanto com passageiros de diversos tipos, o que é próprio dos grandes centros urbanos e esperado em uma linha de ônibus intermunicipal.

Vejo a chegada da universidade no Bairro dos Pimentas como um fator de mudança no ambiente do ônibus. Uma mudança nas pessoas que frequentam essa linha. Esse novo elemento, os alunos da universidade, trouxe uma inversão: muitas

vezes em conversas no ônibus quando eu contava que moro próximo ao centro de São Paulo e estudo no Bairro dos Pimentas, pessoas que fazem o “oposto” (moram no Bairro dos Pimentas e trabalham perto do centro de São Paulo) ficavam bastante curiosas a respeito.

A partir de conversas como essa e das que tive com Anastácio pude refletir sobre as particularidades desse espaço e também sobre o método da pesquisa que vinha sendo desenvolvido.

Percebo agora, analisando as anotações de campo, que eu enfrentei dificuldades em alguns momentos de exposição minha, como quando contei para o cobrador sobre o trabalho que eu estava desenvolvendo a partir da minha experiência ali.

Questões próprias do fazer antropologia, já que quando procura falar do encontro com o outro, o antropólogo lida com sua própria exposição.

Anastácio falou que eu daria para repórter, que ele gostaria de ser um. Eu falei que ele poderia ser por hobby, ele falou que em São Paulo dá para tirar muita foto, mas que para isso é preciso tempo, mas que ele tiraria muitas fotos em São Paulo. Falou do centro: Sé, Luz, Tiradentes. Perguntei o que ele achava de lá, ele disse que achava feio, principalmente Tiradentes e Armênia. Não entendi se o que ele queria dizer era que gostaria de tirar fotos desses locais mesmo achando-os feios. Acho que ele quis dizer os dois, mas também acho importante notar como a região central de São Paulo sendo bela ou feia, era o objeto, o assunto sobre o qual ele gostaria de fotografar. Ele enfatizava como São Paulo é grande, falando sobre Santo Amaro e Zona Leste, entendi que falava que eram bons locais para se tirar fotos. Falou que em São Paulo (acredito que falava aqui em Grande São Paulo) tem muita coisa boa e muita coisa ruim.

Como falei anteriormente, na segunda fase da pesquisa de campo aproximei-me de outro “personagem”: Seu “Nenê”, esse senhor que trabalha como ascensorista em um banco no centro de São Paulo. Que passa as suas manhãs em um trânsito que é, pode se dizer, marca das movimentações monetárias mas também está lá como que “estranho” a isso. Ao mesmo tempo em que ele sobe e

desce constantemente no elevador permanece sentado e, pelo que me conta, fica puxando papo, fazendo imitações com quem entra.

Ele me falou que estava muito cansado. Falou que não tinha sentado naquele dia nos transportes que pegou, só agora o fazia. Mas falou que só em casa é que iria descansar mesmo. Essas falas chegaram a soar, em um primeiro momento, apenas como palavras repetitivas e óbvias. Mas o que este senhor falava, nas nossas conversas, aliás, o que fala ainda, e principalmente a maneira como ele se comporta se revelou na continuidade do trabalho algo muito interessante.

O cansaço já é conhecido, mas isso não o torna desinteressante, ele pode se revelar desconhecido na maneira como algumas pessoas como o seu Nenê expressam-no, ou principalmente na maneira como ele pode ligar essas pessoas.

Eu, como exposta também as dificuldades dessa viagem, mas de uma maneira outra, sinto cansaço todos os dias, algumas vezes mais outras menos e também procuro observar como as pessoas expressam esses “velhos” cansaços.

No seu trabalho sobre lazer, Magnani, desenvolve alguns conceitos que se tornaram importantes instrumentos na reflexão que empreendo. Ele entra na questão da oportunidade de um exercício de sociabilidade que o lazer propicia e utiliza a noção de “pedaço” como parte integrante. Uma rede de relações que unem grupos. “Quando um espaço - ou segmento dele - assim demarcado torna-se ponto de referência para distinguir determinado grupo de frequentadores como pertencentes a uma rede de relações (...)” (Magnani,1996:33) temos um pedaço.

Além da noção de pedaço, ele apresenta também as de mancha, trajeto, pórtico e circuito. E para a realização da etnografia na cidade utiliza termos como cenário, atores e script.

Trabalhei nessa pesquisa com esses conceitos. Por exemplo, considerando os passageiros como atores “aqueles que de uma forma ou de outra utilizam o espaço” (1996:38). A respeito deles me fiz perguntas como: Eles estão vindo do trabalho? Eles estão a caminho de suas casas? Qual é a ligação deles com o ponto em que descem e o ponto em que embarcam? É a primeira vez que pegam

esse ônibus ou ele faz parte do dia a dia deles? A Dutra é desconhecida ou familiar para essas pessoas?

Encontrei pessoas que estavam indo visitar seus parentes, outras seus amigos, pessoas que vão todos os dias, mas que curiosamente eu não costumo encontrar, pessoas que estavam indo pela primeira vez, mas sobretudo pessoas que me informavam sobre a existência de uma rede de relações que motivava esses movimentos, e quando o faziam, de diferentes formas, acabavam por me espantar, já que eu considerava que assim, de certa maneira, elas estavam “abrindo” suas vidas para mim, uma “desconhecida”.

Também tentei pensar a Rodovia Dutra, que corresponde a maior parte do percurso, de acordo com os conceitos construídos por Magnani. A meu ver ela se enquadraria na categoria de pórtico, definida por: “espaços, marcos e vazios na paisagem urbana que configuram passagens. Lugares que já não pertencem ao pedaço ou mancha de cá, mas ainda não se situam nos de lá; escapam aos sistemas de classificação de um e outra e, como tal, apresentam a “maldição dos vazios fronteiros. Terra de ninguém, lugar do perigo, preferido por figuras limiares e para a realização de rituais mágicos – muitas vezes lugares sombrios que é preciso cruzar rapidamente, sem olhar para os lados...”. (Magnani,1996:45).

A partir disso questionamos em que categoria o ônibus se encaixaria. O transporte em questão quando comparado com a Dutra, oferece um espaço para a socialização muito maior, como foi relatado no caderno de campo, e até um espaço mais seguro.

A pesquisa evidenciou que é possível pensarmos no ônibus como um “pedaço”, mesmo sendo este um transporte público e, portanto com passageiros de diversos tipos, o que é próprio dos grandes centros urbanos, e esperado em uma linha de ônibus intermunicipal.

No caso não estamos tratando de um espaço de encontro de um grupo fechado, e sim de um espaço aberto, mas que não por isso deixa de oferecer a possibilidade de trocas, mesmo que estas se deem algumas vezes sem ao menos sabermos o nome da pessoa com quem conversamos o caminho inteiro.

Esse espaço possui características de um “trajeto”, noção que como diz Magnani (2002), abre o “pedaço” para fora, para o âmbito do público mas ao mesmo tempo, os passageiros que estão ali compartilham nessa viagem cotidiana um modo de vida semelhante, característico de grandes centros urbanos que possuem grandes intervenções como a Rodovia Dutra.

“Uma mulher com uma criança no colo sentou ao meu lado, assim que se sentou comentou sobre a demora do ônibus. Ela disse que esperou uma hora no ponto (na Dutra). Falava para a sua filha se tranquilizar que elas agora já estavam indo, que já chegariam em casa.” (Caderno de Campo - 25/03/08)

“(…) me contou do problema que enfrenta na sua volta, porque o ponto em que ela desce, o mais próximo da sua casa é em um lugar escuro da Dutra onde só tem fábricas, diz ela, e onde ela viu um mendigo (…) Me disse que no dia seguinte ia descer em outro ponto, mesmo sendo este mais distante da sua casa.” (Caderno de Campo – dia 16/04/08)

O que importa não é só a distância. Essa última moça citada deu a entender que o problema para ela em determinada situação é a Dutra, tanto que andaria mais, mas mais para dentro, no bairro.

A Dutra constituiria um espaço que prejudica a comunicação, mas isso em uma visão “de perto” que, como foi dito, essa pesquisa procura privilegiar e que difere da apresentada pelo poder público local que valoriza a rodovia como importante ligação entre Guarulhos e o município de São Paulo, apresentando Guarulhos como prolongamento da capital, “(…) delineando as identidades de seus espaços: a proximidade da “cidade de São Paulo” e a dependência em relação ao desenvolvimento da capital” (Santos, 2007:28).

Como mostra Carlos J. F. dos Santos em seu livro: “Identidade Urbana e Globalização – a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP”. Existe uma

enorme diversidade no que chamamos de cidade de Guarulhos, o bairro aonde o nosso ônibus chega, depois de percorrer a Dutra, é um exemplo disso. Ele possui uma história particular, mais relacionada com a dos bairros de São Paulo que ficam próximos do que com o próprio centro de Guarulhos.

“(…) embora integrados por uma economia e uma estrutura social mais ampla, sujeitos sociais hierarquizados diferenciados atuaram no processo de produção, reprodução e semantização das espacialidades, constituindo grupos locais com identidades diversificadas (…)” (Santos, 2007:49)

Nossa pesquisa no ônibus se revelou também como uma maneira de entrar em contato com essa diversidade. Desta forma, vale a pena pensar na continuidade desse trabalho por duas vertentes possíveis. Uma delas seria aprofundar o estudo sobre o Bairro dos Pimentas, considerando que este apresenta particularismos a serem investigados. Outra vertente, exposta nesse relatório, seria, a partir do trabalho em campo, abordar de que maneiras a pesquisa antropológica pode trabalhar com produções filmográficas para abordar o trânsito de pessoas nas grandes cidades.

APOIO

Essa pesquisa foi realizada com o apoio de uma bolsa de iniciação científica subsidiada pelo CNPq.

Essa pesquisa gerou além desse relatório final um painel a ser apresentado na 26ª Reunião da Associação Antropológica Brasileira, que reflete mais profundamente sobre a pesquisa e um dos elementos filmográficos indicados. E também resultará numa comunicação no Congresso de Iniciação Científica na apresentação de um artigo no campus Guarulhos da UNIFESP.

AGRADECIMENTOS

Gostaria de agradecer a todos que colaboraram na construção desse relatório. Especialmente minha orientadora, Andréa Barbosa, e é claro os passageiros do ônibus Vila Any.

BIBLIOGRAFIA

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. "De perto e de dentro: notas para uma etnografia urbana." **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 17, n. 49, p. 11-29, 2002.

MAGNANI, José Guilherme Cantor; Lucca, Lilian (orgs.) **Na Metrópole**. São Paulo: Edusp, 1996.

MAGNANI, Jose Guilherme Cantor. "O (bom e velho) Caderno de Campo". In: **Sexta Feira** (São Paulo). São Paulo, v. 1, p. 8-11, 1997.

SANTOS, Carlos José Ferreira dos . **Identidade Urbana e Globalização** - a formação dos múltiplos territórios em Guarulhos/SP. 2. ed. São Paulo: Annablume/SINPRO-Guarulhos, 2007.v.1.248 p.

SIMMEL, George. "A Metrópole e a Vida Mental" In: Otávio Guilherme Velho (org.) **O Fenômeno Urbano**, Rio de Janeiro: Zahar, 1967.

VELHO, Gilberto. "Observando o familiar" In: **Individualismo e Cultura**. Rio de Janeiro: Zahar, 1981

VELHO, Gilberto e Viveiros de Castro, Eduardo. "O Conceito de Cultura e o estudo de Sociedades Complexas" In: **Espaço cadernos de Cultura USU**. 2(2), 1980.

GOFFMAN, Erving. "Representações" In: **A Representação do Eu na Vida Cotidiana**. Petrópolis: Vozes, 1975.

BARBOSA, Andréa. Olhar, ver e enxergar a cidade de São Paulo através de imagens" In: **São Paulo: cidade azul**. Tese de doutorado. FFLCH/USP, 2003.

MAGNANI, "Transformações na cultura urbana das grandes metrópoles" In: **Sociedade Global**. Petrópolis: Vozes, 1998.

SALLES, João Moreira. "A Dificuldade do Documentário" In: **O imaginário e o poético nas Ciências Sociais**. 1. Bauru: EDUSC, 2005. v. 1. 314 p.

FILMOGRAFIA - Filme "Santiago" de João Moreira Salles (2007)